

**INTERNET, ESCRITA DA HISTÓRIA E ENSINO:**  
sites educacionais e os desafios ao ensino de história

Sônia Meneses<sup>1</sup>

O universo (que outros chamam a Biblioteca) compõe-se de um número indefinido, e talvez infinito, de galerias hexagonais, com vastos poços de ventilação no centro, cercados por balaustradas baixíssimas.

(Jorge Luis Borges, A Biblioteca de Babel, 1989, 93)

A expansão da Internet nas primeiras décadas do século XXI produziu mudanças significativas nas relações sociais, sobretudo, quando pensamos nos processos de atuação dos vários usuários na produção de registros em diversos formatos e linguagens. Tais mudanças avançaram velozmente para vários campos do conhecimento que atualmente se veem desafiados a uma reordenação de seus objetos, problemas e temáticas.

Certo que é preciso considerar que nem todos os países e espaços do globo têm acesso igual à tecnologia, há grandes zonas de desconexões e exclusões que deixam enormes contingentes humanos à margem das últimas transformações e avanços tecnológicos. Por outro lado, mesmo quando o acesso é relativamente universalizado, como é o caso do Brasil, um dos países que mais cresceu em acesso nos últimos anos, essa apropriação ainda é confusa, cambiante e cheia de lacunas. As diferenças entre produtores e consumidores desses materiais ainda se constituem um grande desafio ao conhecimento e ao ensino, especialmente, porque delimitar espaços e autores em um universo que aparentemente é caótico e de todos, parece se constituir um dos problemas sérios a serem enfrentados.

---

<sup>1</sup> Docente da Universidade Regional do Cariri-URCA, doutora em história pela UFF, estuda as relações entre história e mídia, história do tempo presente, memória e tempo presente, ensino e teoria da história.

Para termos uma ideia do poder dessa ferramenta no ano de 2014 o Brasil ocupou o 4º lugar em acesso à internet no mundo, perfazendo um total de 107,7 milhões de internautas. Uma cifra surpreendente quando consideramos o número de estudantes na rede pública de ensino no Brasil é de pouco mais de 41 milhões<sup>2</sup>. Todavia, há ainda muitos brasileiros sem internet no país, segundo “pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), do IBGE, que 24,2 milhões de lares de renda de até 2 salários mínimos (em torno de R\$ 1,4 mil) não estão conectados à Internet. O mesmo vale para 7,5 milhões de lares na área rural do país” (BBC-Brasil, novembro de 2014).

Outro lado da expansão do acesso ao universo virtual é o espantoso crescimento da produção da informação a partir dele. Segundo a EMC Corporation<sup>3</sup>, uma das principais empresa de armazenamento de dados do mundo, estima-se que no ano de 2014 houve a produção de 1 septilhão de bits de informação e a expectativa é que esse número seja multiplicado por 6 até 2020. Estes dados evidenciam a importância da internet como recurso de tradução, leitura e produção de novos sentidos na contemporaneidade. Constatação que acabou também por atingir os registros sobre o passado na medida em que os chamados acontecimentos emblemáticos são fortes referentes de disputas, debates e discurso no mundo virtual.

Todavia, a importância da internet não se situa apenas na possibilidade quase ilimitada de divulgação de informação, mas também, nos usos educacionais mais específicos operados pela rede. Nesse sentido, destaca-se a grande profusão de sites educacionais que se dedicam aos mais variados temas do ensino e que representam uma mudança significativa na apropriação dos conteúdos por parte dos educando das diversas modalidades e campos do ensino.

No caso da história, há uma espantosa produção virtual, cujo conteúdo é impossível dimensionar na totalidade, na verdade, essa é uma das características desse recurso, a impossibilidade de um mapeamento “total” dos produtos que tratam de um dado tema, algo muito parecido com a metáfora proposta por Jorge Luiz Borges no

---

<sup>2</sup> Dados do Ministério da Educação, Censo Escolar. End. <http://portal.inep.gov.br/basica-censo>, cap. em 16/02/2015

<sup>3</sup> A EMC Corporation é uma empresa norte-americana que oferece infraestrutura de software, informação e serviços ligados à WEB, ver: <http://brazil.emc.com/index.htm>

seu conto a “Biblioteca de Babel”, quando nos apresenta uma biblioteca, cujas dimensões infinitas levava a uma busca incessante pelo conhecimento inesgotável.

Numa primeira pesquisa no motor de busca do site Google pela palavra “História” somente em sites brasileiros<sup>4</sup>, chegou-se a cifra de 197 milhões de ocorrências, quando se especifica o termo para “história do Brasil” obtém-se o número de 14 milhões e novecentas mil ocorrências. O sistema de buscas do Google opera com vários algoritmos sendo que o mais conhecido deles é o “PageRank” que é a apresentação das páginas numa ordem de apresentação sobre link mais acessados<sup>5</sup>. Tal constatação nos leva a questionar: como pensar o conhecimento e, em especial, o saber histórico em meio uma produção tão avassaladora? Que narrativas históricas didáticas são apresentada a partir desses sites educacionais que se direcionam ao tema? Em que medida eles rompem ou corroboram com visões tradicionais de história?

O presente artigo, é o resultado inicial de uma pesquisa em andamento, que pretende investigar a produção de textos e conteúdos (imagens, vídeos, canções) presentes em sites educacionais voltados ao ensino de história. Nestes termos, objetivamos colocar em evidência duas dimensões bastante relevantes para a reflexão e compreensão de nosso tempo: o ensino de história entendido como lugar de formação, elaboração e construção crítica dos sujeitos, e em segundo, o papel das novas tecnologias não apenas como ferramenta de ensino, mas como problema e possibilidade de reprodução e produção de narrativas histórico-didáticas de bastante inserção no meio estudantil.

Nestes termos começamos com uma pergunta fundamental: “**Que história é essa?**”. Nela, há muitas outras interrogações que colocam em evidência um conjunto de preocupações que se situam entre o campo de uma história ensinada, as práticas

---

<sup>4</sup> A busca foi realizada através do site [www.google.com.br](http://www.google.com.br). O Google mantém sites específicos em grande parte dos países, isso significa que já há uma pré-seleção na busca, uma vez que ele direciona prioritariamente para a navegação em páginas do próprio país de origem. Isso não impede o acesso a outros países, mas na busca comum, o acesso é prioritariamente vinculado ao país da busca.

<sup>5</sup> Sobre o algoritmo de busca do Google há várias controvérsias e polêmicas, especialmente aqueles que dizem respeito à manipulação das buscas afim de favorecer empresas patrocinadoras, grupos governamentais, etc.

de uma escrita didática da história e, por outro lado, a compreensão sobre ideias de história e conceitos postulados através dos meios de comunicação e, em especial, em sites voltados ao ensino. Falamos de uma história reproduzida em diversas páginas da internet cujo objetivo principal é atingir a uma clientela de jovens estudantes, assim como navegadores curiosos que utilizam esses endereços com o objetivo de se informarem sobre temas e assuntos históricos.

Portanto, a proposta aqui apresentada é compreender as operações genéricas de apropriação do saber histórico, como define Rüsen (2001, 54), uma vez que se compreende que a elaboração de qualquer produto que tenha como foco a abordagem do passado se configura na produção de uma consciência histórica que acaba por manifestar elementos práticos e cognitivos de uma dada sociedade e sua relação com a história. Assim, interessa-nos compreender “os processos mentais genéricos e elementares da interpretação do mundo e de si pelos homens, nos quais se constitui o que se pode chamar de consciência histórica” (Idem, 55)

Ao nos voltarmos para a problemática das narrativas didáticas da história no universo virtual interessa-nos a dimensão do ensino de história posto em ação nesses produtos, principalmente, quando consideramos os alcances desses materiais nas pesquisas de alunos do ensino fundamental e médio. Assim, referimo-nos a uma necessidade premente de pensar o ensino a partir de uma variedade de saberes e práticas intercambiáveis e dinâmicas, sobretudo no que diz respeito à história no tempo presente.

Esta investigação pretende destacar ainda os usos do passado em nossa sociedade, ressaltando a ação narrativa como porta de entrada e saída de formulações de sentidos sobre o tempo e o nosso passado histórico. Como nos advertiu Paul Ricoeur, o tempo, torna-se tempo humano, sobretudo, “na medida em que articulado de um modo narrativo” (1994; p. 85). Ao compreender o tempo dessa maneira, Ricoeur nos colocou ainda mais uma questão fundamental: toda narrativa se constitui em uma tríplice mimese, um movimento de distensão contínuo que faz com que uma

mesma narrativa, seja constantemente apropriada em temporalidades distintas em um círculo hermenêutico sempre renovado.

Por outro lado, ao propormos uma investigação a partir dos problemas colocados ao ensino de história, concordamos com a Margarida Dias, quando essa afirma que: “a diferenciação nos níveis de ensino da educação básica dar-se ai pelas adequações necessárias aos objetivos de cada nível de aprendizagem – fazendo portando, a ponte com os conhecimentos pedagógicos – e desenvolvimento cognitivo dos alunos” (DIAS, 2008, 86). Desta forma, além de considerar tais conteúdos como objeto de conhecimento, ação narrativa, eles são também artefatos para o ensino de história.

A preocupação com tais conteúdos explica-se ainda pelo fato de quem em nossos dias, as apropriações de conteúdos históricos terem se tornado irremediavelmente marcadas pela interferência dos meios de comunicação. Um tumultuoso caleidoscópio de informações que ajudou a modificar sobremaneira nossas compreensões sobre o tempo e sobre o passado. Nesse sentido, a reprodução de conteúdos históricos na rede mundial de computadores coloca o passado como horizonte de realização no presente, seja através de rastros, seja na formulação de narrativas dos eventos imediatos, numa busca aflitiva que saturou o presente de uma quantidade cada vez maior registros em uma proporção nunca imaginada.

Relacionados esse momento, destacam-se os percursos assumidos pela “ideia” de história no mundo contemporâneo – na verdade devemos falar em “ideias de história” fazendo com o que próprio conceito “história” fosse repartido em mil definições, desde uma espécie de reedição da “*Magistra Vitae*”<sup>6</sup> até a negação completa de uma investigação do passado entre aqueles que anunciavam uma ciência em crise, tendo a morte deflagrada em canais de televisão e bancas de revista.

---

<sup>6</sup> Uma boa reflexão sobre a mudança de paradigmas e regimes de historicidade na contemporaneidade se encontra em KOSELLECK. Reinhart, *O Futuro passado – contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro. Editora PUC-Rio, 2006. e HARTOG. François. *Regime de Historicidade*. Capturado da Internet em 8/05/2006 no endereço: <http://www.flch.usp.br/dl/heros/excerpta/hartog.html>.

Pensar sobre história, levou-nos a refletir sobre o próprio lugar de nossa disciplina no presente e no futuro. Por sua vez, o ensino assumiu um importante desafio, na construção da cidadania, sobretudo, se for capaz de propor mecanismos que levem licenciandos e professores a compreender sua história e seu próprio tempo como espaço vivo, no qual ele também pode atuar como sujeito crítico diante do mundo.

No processo de formação desses sujeitos é necessário ainda considerar o próprio caráter dinâmico e relativo do conhecimento histórico, artefato cultural e simbólico capaz de mobilizar atitudes, memórias e identidades sociais. Destarte, o ensino de história deve estimular a articulação de temporalidades, espaços e grupos humanos distintos de maneira a perceber no outro sua própria dimensão de humanidade.

Tais questões colocam em evidência problemas bastante eloquentes ao ensino de história no tempo presente. Se por um lado avançamos em profícuas discussões sobre a relação entre a escrita acadêmica e escrita didática da história, trazendo a tona uma necessidade crescente de diálogo entre ambas as dimensões, por outro, percebe uma clara disputa de narrativas ensejadas fora do campo dos historiadores e professores. Uma história que corre paralelamente às últimas reflexões do campo, mas que se torna cada vez, uma ferramenta poderosa no processo de formação da consciência histórica contemporânea. Pensar o ensino a partir desses sites educativos é compreender em partir aquilo que Certeau nos sugeriu, ao dizer ser necessário compreender como a história funciona em uma dada sociedade.

Durante muitos séculos o maior desafio para aqueles que queriam falar sobre o passado era a escassez de registros e, embora boa parte dos diversos grupos humanos sempre tenha tido a preocupação de preservar algo sobre sua própria história, naquilo que Jacques Le Goff identificou como sendo uma intenção de monumentalização, a seleção sobre aquilo que permaneceu até a era da superinformações foi bastante limitada. Nesses termos, chamava atenção Le Goff em seu importante artigo *Documento/Monumento* publicado em 1977:

“o que sobrevive não é conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo (...) quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores” (2010, 525)

Mais de três décadas depois, é possível que nem Le Goff ou qualquer outro intelectual pudesse estimar o profundo processo de transformação operado pela expansão da informação em nossos dias. Situação que modificou totalmente dois aspectos fundamentais destacados em seu texto: primeiro, as formas de seleção para os materiais a se tornarem “monumento/documento” para uma dada sociedade, segundo, o papel do historiador nesse processo. Passados 36 anos os procedimentos de produção, seleção e reflexão de registros do passado se modificaram drasticamente.

No tempo em que os artefatos midiáticos tornaram-se elementos fundamentais para própria vida contemporânea, vivemos o dilema da memória: se por um lado atingimos uma capacidade de registro jamais imaginada, por outro, parecemos ter perdido o discernimento necessário sobre o que deve ser selecionado no presente para o futuro, ou seja, preparar nosso passado para as próximas gerações.

Não nos preparamos para desenvolver novas formas de esquecimento para que a memória pudesse se firmar como experiência temporal e identitária, se é que é possível falar como “arte do esquecimento”. Para muito pesquisadores o resultado tem sido uma crescente “superficialização” da vida cotidiana demonstrada na nossa incapacidade de estabelecermos vínculos duradouros, seja com o outro, seja com nosso próprio passado.

Em recente entrevista o sociólogo Zygmunt Bauman, reflete sobre alguns temas capitais para pensarmos nossos dias. Sua primeira e mais contundente afirmação é a de que o século XX representou um marco considerável para a humanidade: a passagem de uma sociedade de produção para uma sociedade de



consumo pleno, na qual os próprios indivíduos se tornam peças nesse mercado de troca afetivas e culturais.

Bauman cunhou o conceito de “sociedade líquida” para se referir à instabilidade na qual mergulhamos na primeira década do século XXI, para muitos de seus críticos, o autor exagera em suas afirmações, posto que, as sociedades das quais fala, seriam prioritariamente as ocidentais, aquelas que segundo Norbert Elias havia passado pelo que o autor denominou de processo civilizador. Contudo, não há como negar um elemento bastante peculiar nesse nosso tempo: o processo de globalização tornou-se um aspecto indelével em nosso dia-a-dia. A circulação de conteúdos, culturas e pessoas pelo globo aprofundou um processo de trocas simbólicas jamais assistidas pela humanidade.

Como resultado disso estabeleceu-se um acelerado processo de fragmentação social que tem nos levado a novas formas de construção de identidades marcadas pelo imediatismo das relações, o desapego aos tradicionais laços sociais, assim como, a atual inexistência de projetos coletivos que se apresentem como alternativas de transformação social. Assistimos a um momento de transição profundo em vários campos da vida humana e a dissolução da própria noção de privacidade, um dos elementos mais caros na constituição das sociedades modernas, demonstra-nos que caminhamos para outras maneiras ainda mais sofisticadas e complexas de controle e disciplinarização.

Há que se perguntar, conseqüentemente, se atualmente só se torna histórico, aquilo que é divulgado e exposto através dos meios de comunicação? Em parte, a resposta é sim, sobretudo, se os eventos que estamos falando tiverem como espaço de elaboração a cena midiática. Entretanto, devemos considerar alguns aspectos relevantes: mesmo um intenso processo de divulgação não assegura que o evento transporá a temporalidade de sua realização, ou seja, não há segurança que sua escritura na cena pública o tornará ocorrência emblemática para uma dada sociedade.

Somente quando ele consegue transpor a efemeridade de seu próprio tempo é que, possivelmente, alcançara tal estatuto, nesse caso, é preciso que haja um processo de inscrição desses eventos na duração, um processo de retorno, reescrita, reconfiguração que o tornará algo mais do que aquele aqui e agora.

#### Bibliografia

ABREU, Martha SOIHET, Rachel. *Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia*. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2003.

BANN, Stephen. *As invenções da História. Ensaio sobre a representação do passado*. São Paulo: Editora UNESP, 1994.

BARBALHO, Maria Gorete Cabral e CASTRO, Maria Duarte Araújo. *Globalização e Educação Superior: discutindo tendências de educação superior*. IN: CABRAL NETO, Antônio e REBELO, Maria da Piedade Pessoa Vaz. O ensino superior no Brasil e em Portugal: perspectivas políticas e pedagógicas. Natal, RN: EDUFNORTE – Editora da UFRN, 2010.

BITTENCOURT, Circe. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Contexto, 2004.

BURKE, Peter & Briggs, Asa. *Uma História Social da Mídia – de Gutenberg à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

BURKE, Peter & PORTER, Roy. (orgs.) *História Social da Linguagem*. São Paulo: Editora Unesp, 1996.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Cidades e cidadãos imaginados pelos meios de comunicação*. Campinas, Revista Opinião Pública, vol VIII, no. 1, 2002.pp. 40-53.

CATROGA, Fernando. *Memória e História* in PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Fronteira do Milênio*. Rio Grande do Sul. Editora Universidade/UFRGS, 2001.

CERRI, Luís Fernando. *Ensino de História e consciência histórica implicações didáticas de uma discussão contemporânea*. Rio de Janeiro: FGV, 2011.

CERTEAU, Michel. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CHARTIER, Roger, *O Mundo Como Representação*. Estudos Avançados, Número 11, v. 5, 1991.

\_\_\_\_\_. *Práticas de Leitura*. Brasília: Estação Liberdade, 1996.

\_\_\_\_\_. **A ordem dos livros – Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII.** Brasília: Editora UNB, 1999.

\_\_\_\_\_. **Forma e Sentido, cultura Escrita: entre distinção e apropriação.** Campinas SP: Mercado das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. **À beira da Falésia. História entre Incerteza e Inquietudes.** Porto Alegre: Editora da Universidade UFRS, 2002.

\_\_\_\_\_. **A História Hoje: dúvidas desafios, propostas.** Rio de Janeiro: Revista Estudos Históricos, vol 7, no, 13. 1991, p. 97-113.

CHAUVEAU. A e TÉTARD. Ph. **Questões para a História do tempo presente.** São Paulo: Edusc, 1999.

DIAS, Margarida Maria de Oliveira. **Ensino de História: múltiplos ensinamentos em múltiplos espaços,** Natal, EDUFRN, 2008.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **História do Tempo Presente: desafios.** Rev. Cultura Vozes, Petrópolis, v. 94, No. 3, pp. 111 – 124, maio/junho, 2000.

FREITAS, Itamar. **Aprender e ensinar História nos Anos Finais da Escolarização Básica.** Aracaju: Criação, 2014.

JENKINS, Keith. **A História Repensada.** São Paulo: Edita Contexto, 2001.

MACHADO, André. **Estudo da EMC prevê que volume de dados virtuais armazenados será seis vezes maior em 2020.** 10/04/2014 Acessado no endereço: em <http://oglobo.globo.com/sociedade/tecnologia/estudo-da-emc-preve-que-volume-de-dados-virtuais-armazenados-sera-seis-vezes-maior-em-2020-12147682#ixzz3RxtQDjRe>.

ORTIZ, Renato. **A Moderna tradição brasileira – cultura Brasileira e Indústria cultural.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. (org). **Fronteiras do Milênio.** Porto Alegre: Editora da Universidade UFRS, 2001

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa.** Tomos I, II, III, São Paulo: Papyrus Editora, 1997.

\_\_\_\_\_. **História e Verdade.** Rio de Janeiro: Forense, 1968.

RIOUX, J.-P. **Entre o Jornalismo e a História.** in **Questões para a História do tempo presente.** São Paulo: Edusc, 1999.

RÜSEN, Jörn. **Razão Histórica – Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica.** Brasília: Editora UNB, 2001.



\_\_\_\_\_ . *Historiografia Comparativa Intercultural* in MALERBA. *A História Escrita*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI – no loop da montanha russa*. São Paulo, Cia das Letras. 2006.